

RESENHA DE “LA RAZÓN POPULISTA” – ERNESTO LACLAU

LACLAU, E. **La razón populista**. 1ª ed. 6ª reimp. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

Willian Mac-Cormick Maron

Em 2005, Ernesto Laclau publicou a primeira edição de “La razón populista” tendo como ponto central a lógica da formação das identidades coletivas entendendo e o grupo como unidade básica da análise social.

Nos primeiros capítulos de seu livro, Laclau investe em uma revisão conceitual da literatura sobre o populismo, como uma categoria de análise política ou como o lugar de uma armadilha teórica. Se atenta à dificuldade de encontrar um significado preciso e não vago ao conceito e assim revisa e forma crítica algumas teorias “fracassadas” sobre o tema.

Populismo seria - como avança Laclau – “um modo de construir o político” (p.11), uma lógica de intervenção política que se condensa significados para reduzir a complexidade na esfera pública e inserida no processo de formação de identidades coletivas. Laclau defende um olhar para o populismo como “um modelo de racionalidade em termos do que lhe falta”. (p.27)

Assim nos faz alterar a pergunta “o que é populismo?” para uma segunda “a qual realidade social e política se refere o populismo?” ou até uma terceira questão “que realidade ou situação social é expressão do populismo?” (p.31)

Laclau trata de uma revisão do estudo de Gustave Le Bon sobre sugestão e sua operabilidade. O livro “La Psychologie des foules” se torna ponto de partida para tal. Para Le Bon este é um terreno repleto de imagens, palavras e fórmulas. Ele trabalha as palavras, seus verdadeiros significados e as imagens e elas evocam e cita analogamente ao conceito de significado e significante.

O autor reforça então que estas palavras tem um significado verdadeiro que é incompatível com a função de sintetizar uma pluralidade de aspirações inconscientes. Sendo que as palavras cujo sentido está menos definido, são em alguns casos, as que exercem maior influência. (p.38) Assim introduz a questão de *Saussure* sobre o significante (ligados às palavras) e significado (ligado às imagens), significado que de onde se origina uma associação, processo essencialmente psicanalítico e onde utiliza três recursos retóricos para tal estudo: afirmação, repetição e contágio.

Ele avança em uma intervenção teórica de Gabriel Tarde que trabalha com a contraposição entre invenção e imitação, (p.61) na qual a primeira implica na introdução de novidades, o que corresponde ao papel de um líder (hipnotizador) e a segunda como o modo de reprodução social que corresponde à massa. Tarde então cita a presença do líder como traço comum entre a multidão e a corporação, estas representando dois extremos de um *continuum* onde o grau de hegemonização do grupo diante à ideia é visivelmente superior na corporação que na multidão.

Interprete de Freud, Laclau volta a destacar que o laço social é um laço libidinal e estes laços se formam a partir de pulsões de amor que se desviam de seu objeto original e seguem por um modelo preciso da identificação. (p.77) Este modelo consiste na exteriorização mais primária de um laço afetivo com outra pessoa, que se vincula a história do completo de Édipo, se dividindo em três formas principais: A primeira com

o pai, a segunda com o objeto amoroso e a terceira com qualidades em comum divididas com outra pessoa que não é necessariamente objeto de pulsões sexuais. Esta última ocorrendo entre os membros de um mesmo grupo, que quanto mais significativa é esta qualidade mais forte se dá a identificação que corresponde ao começo de um novo laço.

Assim em Freud o investimento no objeto amoroso significa que a libido narcisista se transfere ao objeto. A partir do momento em que há uma renúncia do “eu” para que este objeto se torne mais grandioso e valioso que chega a possuir todo este amor vemos o objeto então se colocando no lugar do “ideal do eu”. (p.79) Ele também analisa o fenômeno em uma multidão quando há um desaparecimento dos atributos individuais fazendo com que este indivíduo renuncie a seu “ideal do eu” a favor de um “ideal do grupo” incorporado a figura do líder.

Para Laclau, o populismo, preexiste ao político, ele torna possível o político como um constructo da articulação, do discurso identitário populista que abre um espaço (vazio) a ser preenchido.

Para explicar este espaço, Laclau introduz o conceito das “demandas sociais”, divisões menores da unidade de um grupo (p.09), de uma estrutura social que oferece ampla variedade de antagonismo. Estas demandas (que possuem aspectos gerais e particulares) podem ser reclamações, exclusões sociais, pedidos a serem respondidos e incluídos ao sistema, que quando não encontram respostas satisfatórias pelo que é institucionalizado crescem, se acumulam e vão encontrando outras demandas similares o que as torna populares por essa pluralidade de antagonismos e encontram um símbolo em comum. Esta é a base do populismo, quando este espaço social dividido em duas identidades (“nós-povo” contra “eles-poder”) tende a mobilizar outros grupos demandantes em torno de um significante (a oposição ao sistema, por exemplo). Este símbolo é uma demanda individual que assume uma centralidade e abre um espaço para surgimento de símbolos unificados em nome de um líder.

Laclau aborda o conceito de significante vazio que não possui, então, um significado específico e universal, mas sim todo um sistema de significações capaz de lhe dar algum sentido, pois todo o sistema significativo está estruturado em torno de um lugar vazio. É esgotado de sentido, de significado em função da polissemia que este articula.

O autor postula então a capacidade da lógica populista para operar sobre a heterogeneidade do social a partir desta produção de significantes vazios. Estes significantes são receptores das demandas de vários grupos que se diferem entre si (pela particularidade da demanda), mas são similares na oposição ao sistema ou ao governo institucionalizado. Ele é um símbolo que, posteriormente se traduz em um nome próprio e um personagem de um constructo. Quando damos um nome a este significante, o atribuímos com demandas, características e simbolismos.

Sua função reside justamente em renunciar sua identidade diferencial para representar o espaço comunitário, ou seja, o sistema de diferenças.

O autor dedica um capítulo para trabalhar as questões sobre “representação e democracia”. Ele reforça a ideia que no próprio processo de representação se constitui naquilo que se quer representar e constitui um processo em dois sentidos: Um movimento desde o representado até o representante e outro correlativo do representante até o representado. (p.200) Para Laclau, a representação se converte por meio da homogeneização de uma “massa heterogênea” (p.202) e a função deste representante é dar credibilidade à vontade daqueles a quem representa e não apenas transmiti-la.

O populismo seria uma forma para compreender os dispositivos da representação social, questão primordial para a vida democrática e forneceria então uma confirmação do povo para o funcionamento democrático.

Laclau mostra então a possibilidade de um olhar pela lógica do populismo em análise dos problemas da construção do povo mesmo apesar de grandes diferenças de orientação e de eixos históricos e geográficos utilizando três importantes exemplos históricos como “O Partido do povo estadunidense”, “O Partido republicano do Povo Turco” e o “Peronismo” na Argentina. Finalmente Laclau faz uma recapitulação de seus principais conceitos como heterogeneidade social, cadeias equivalentes, representação, dentre outros para sistematizar claramente as categorias do livro e as contrapor em forma de respostas às questões críticas e teorias com três interlocutores: Slavoj Žižek, Hardt & Negri e Jacques Rancière.

Conclusões

O populismo não tem um caráter ideológico definido, não há uma ideologia populista, o que há é uma lógica populista que consiste em dividir a sociedade em dois campos entre as demandas sociais e o que está institucionalizado. O caráter de uma identidade populista dependerá justamente da cadeia de significados construídos, dos grupos mobilizados e dos sentidos que fixam a cadeia como articula, podendo ser de direita ou esquerda dependendo do que é institucionalizado pelo sistema. O estudo pela lógica populista se dá pela necessidade que temos em acreditar que existe uma alternativa frente a um sistema vigente.

Só existe um líder porque existe um grupo/massa anterior a ele, este formado por uma cadeia de demandas equivalentes – ou uma cadeia de equivalências-, que abrem um espaço, um lugar para uma demanda individual norteadora e representante simbólica de todas as outras demandas pela via da identificação deste grupo\massa com este personagem.

Em Laclau, inicialmente o populismo seria uma forma de constituir uma identidade social e o seu foco principal se daria em torno da identificação com o significante vazio, o lugar construído em torno desta cadeia de equivalências, destas demandas não satisfeitas em sua origem que ganham a companhia de outras demandas de características parecidas. Toda demanda possui aspectos gerais e particulares. Laclau avança de forma mais abrangente nos aspectos gerais das demandas em detrimento aos aspectos particulares, sendo que estes que apontariam para o afeto, o tom de voz, o jeito, o traço e as pulsões componentes da identificação com este líder.

Laclau nos brinda com um excelente material de análise do político, pela construção populista de um lugar e de identificação com seu significante. O que valeria avançar seria sobre o valor da *afetividade* para esta identificação e construção do lugar do líder, na qual ele pontua exclusivamente como uma identificação ao significante vazio.